



**NOSSA SENHORA APARECIDA: UMA REFLEXÃO SOBRE OS
PARADIGMAS DE PODER, LIBERDADE E IDENTIDADE NA DISPUTA PELA
CONSTRUÇÃO SIMBÓLICA DA VIRGEM**

Our Lady of Aparecida: A reflection on the paradigms of power, freedom and identity in the controversy over the symbolic construction of the virgin

Giovanna Sarto¹

Resumo: Na presente comunicação, meu ponto de partida será analisar elementos constituintes do Nicho que guarda o símbolo tradicional de Nossa Senhora Aparecida no Santuário Nacional, à luz dos estudos de diversidade sexual e de gênero. Sob a suspeita de que esse símbolo tem sido operado de forma a legitimar uma ordem hierárquica patriarcal, isto é, decente, nos termos de Marcella Althaus-Reid, e que parece assegurar estabilidade a determinadas formas de poder e identidade, afirmarei que tal investida constrói noções de gênero e sexualidade restritivas, que podem ser (e frequentemente são) subvertidas nas formas mais espontâneas da devoção popular. Nesse sentido, perguntarei pelos tipos de poder expressos na construção do símbolo de Nossa Senhora Aparecida, bem como pelas formas de resistência que contrapõem o discurso da oficialidade. Através da Teologia Indecente, especificamente pela metodologia do Círculo Hermenêutico Libertino de Althaus-Reid, apontarei caminhos possíveis para recuperar Nossa Senhora Aparecida como um símbolo da dissidência e da não-conformidade.

Palavras-chave: Nossa Senhora Aparecida. Simbologia. Mariologia. Teologia Feminista. Teologia Queer.

Abstract: In this paper, my starting point will be to analyse the constituent elements of the Niche that holds the traditional symbol of Our Lady of Aparecida at the National Shrine, in the light of sexual and gender diversity studies. Under the suspicion that this symbol has been operated in such a way as to legitimise a patriarchal hierarchical order; that is, one that is decent, in Marcella Althaus-Reid's terms, and that seems to ensure stability for certain forms of power and identity, I will claim that such an onslaught constructs restrictive notions of gender and sexuality, which can be (and often are) subverted in the most spontaneous forms of popular devotion. In this sense, I will ask about the types of power expressed in the construction of the symbol of Our Lady of Aparecida, as well as the forms of resistance that counter the discourse of officialdom. Through Indecent Theology, specifically through the methodology of Althaus-Reid's Libertine Hermeneutic Circle, I will point out possible ways to recover Our Lady of Aparecida as a symbol of dissent and non-conformity.

¹ Doutoranda em Ciência da Religião pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora. Pesquisadora do REDUGE – Grupo de Pesquisas em Religião, Educação e Gênero. Bolsista CAPES. E-mail: giihsarto@hotmail.com



Keywords: Our Lady of Aparecida. Symbology. Mariology. Feminist theology. Queer theology.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Na Nave Sul do Santuário Nacional de Aparecida, em um imenso nicho decorado com pastilhas de porcelana pintadas de ouro dourado, de formato irregular, revestido de ouro branco em seu interior e protegido com vidro blindado, está o espaço que abriga a pequena imagem de barro datada do século XVII de um dos símbolos mais famosos do campo religioso brasileiro: Nossa Senhora Aparecida. O Nicho, que foi construído pelo artista plástico de Arte Sacra Claudio Pastro, dispõe, ainda, de alguns elementos. São eles: um sol, que segundo o próprio artista “faz referência à “mulher vestida de sol” do livro do Apocalipse”; um círculo, “que lembra a forma perfeita de Deus”; ondas de água, que, para ele, “representam a ação do Espírito Santo, que dá vida ao local”; peixes, que remetem a 1717, ano da suposta aparição da Santa; e, finalmente, uma citação: “O Espírito e a Esposa dizem: Amém. Vem Senhor Jesus”. Segundo o site da Basílica, a passagem bíblica de Apocalipse 22, 17 retrata “o anúncio da volta de Jesus pela igreja”². O Santuário Nacional de Aparecida se localiza no centro da cidade de Aparecida, no Vale da Paraíba, região nordeste do Estado de São Paulo, e é hoje o lugar chancelado pela oficialidade eclesiástica da Igreja Católica Apostólica Romana como dedicado a Nossa Senhora Aparecida.

Em termos de gênero e sexualidade, essa investida majestosa sob a imagem não é nova e também não é isenta de disputas. Ao contrário, a partir da literatura acadêmica sobre o símbolo de Nossa Senhora Aparecida e dos estudos de diversidade sexual e de gênero em religião, é possível refletir sobre os paradigmas pelos quais ele se desenvolve como símbolo político a partir da investitura em questões gênero que compõem o símbolo. Nessa comunicação, meu interesse é

² PORTAL A12. **Locais turísticos:** Nicho. Disponível em: <https://www.a12.com/santuاريو/locais-turisticos/nicho>. Acesso em: 30 ago. 2023.



elaborar compreensões sobre a disposição de tais elementos e o que eles acionam, em termos de identidade e poder.

DA METODOLOGIA: O CÍRCULO HERMENÊUTICO LIBERTINO E A CATEGORIA DA INDECÊNCIA

Em Teologia Indecente³, Marcella Althaus-Reid reconheceu a existência de uma tradição de histórias sexuais subversivas no contexto de pessoas empobrecidas na América Latina, que foram apagadas com legados coloniais no campo teológico. A autora identificou uma construção normativa que, segundo ela, definiu identidades sexuais e de gênero de forma autoritária e depois apontou formas indecentes de refletir sobre tais construções. A primeira delas é pensar sobre o processo de colonização de territórios, corpos e identidades.

O ponto de partida da Teologia Indecente foi refletir sobre como as Grandes Narrativas se constituíam sobre a ideia de uma superioridade moral cristã, e mesmo da singularidade do cristianismo, era parte da estrutura ideológica do projeto colonizador, e era responsável por silenciar a pluralidade de experiências e produzir violência contra as pessoas na América Latina:

Precisamente, a resolução da perplexidade (pluralidade) na América Latina foi feita de forma material. De algumas pessoas foram cortadas as nádegas, para outras as coxas, ou os braços... cortando mãos, narizes, línguas e outros pedaços do corpo, comidos vivos por animais e (cortando) seios de mulheres (Todorov 1987: 151). Estes rituais de mutilação, parafraseando Lacan, poderiam ser comparados ao corte dos seios da verdade, o reducionismo em uma nova ordem corporal, ou seja, a humanidade reduzida a uma fórmula, uma lei de união e compulsão. Isto exigia uma mutilação maciça. A necessidade de grandes narrativas leva sempre consigo alguns cortes e mutilações em si. A teologia latino-americana vem daí, uma mutilação de conhecimentos simbólicos como teologia, política, economia, ciência e sexualidade.⁴ (Tradução própria)

³ ALTHAUS-REID, Marcella. **Indecent Theology**. Theological perversions in sex, gender and politics. London: Routledge, 2000.

⁴ ALTHAUS-REID, 2000, p. 11.



Althaus-Reid⁵ observa que a colonização foi um processo autoritário de imposição ideológica europeia em um território não-europeu – um território que foi tomado violentamente e teve sua diversidade esvaziada através de processos de mutilação. A religião imposta serviu como um instrumento de dominação e teve um caráter pedagógico na construção de formas de pensar, ser e viver no mundo, incluindo a formação de noções restritivas de gênero e sexualidade. Todos os sintomas de desigualdade e de exclusão social e sexual foram esvaziados, incluindo o discurso teológico que deu apoio ao projeto colonizador. Esta violência permaneceu como uma herança e continua a ser reproduzida, especialmente por aquelas teologias sistemáticas que não levam em conta a diversidade e pluralidade sexual e teológica.

Um dos exemplos mais esclarecedores são as discussões de mariologia feitas nos anos 80. Althaus-Reid criticou a imagem da virgem branca, rica e passiva, que serviu e serve como um exemplo concreto de feminilidade para milhares de mulheres pobres da América Latina:

A Virgem Maria é um tipo generificado, [que funciona como] um código de vestimenta e a Mariologia é o ato de personificação que faz de Maria uma mulher heterossexual; ou ela / lésbica, ou a ambígua sexualidade travestida da Santa Librada. O que a teologia popular está nos ensinando neste caso é que Maria e Jesus estão sujeitos ao mesmo processo de subjetivação que todo mundo. [...] O sujeito é definido no cruzamento de múltiplas variáveis (sexo, gênero, raça, classe etc.) e pela interação de práticas materiais e discursivas. Em teologia, essa interação é uma intertextualidade e intersexualidade. As práticas materiais da teologia são as instituições e os gêneros discursivos / simbólicos sexuais que regulam as identidades religiosas. Ao deslocar a identidade de gênero das divindades cristãs na Mariologia ou Cristologia, estamos deslocando e criando o caos nas duas áreas da organização da Igreja e nos sistemas teológicos. Portanto, não é apenas na escolha dos motivos que podemos criticar o estilo ocidental de teologia masculino, por vir sempre da mesma matriz heterossexual, mas também na lógica teológica que considera que a teologia deve ser apresentada de forma sistemática, progressiva, por exemplo, em vez de disruptiva e baseada no momento.⁶ (Tradução própria)

⁵ ALTHAUS-REID, 2000, p. 10.

⁶ ALTHAUS-REID, 2000, p. 82-83.



Neste trecho, Althaus-Reid observou que a formulação da Virgem como um símbolo na América Latina continuou a sustentar um sistema sexo-gênero enquanto o interiorizou. Ao fazer isso, este dualismo reforçou a submissão e a nulidade do sexo, promovendo a violência contra as dissidentes, especialmente contra as mulheres. Uma alternativa à reflexão sobre a Virgem Maria é proposta através do método da indecência, que subverte a lógica da decência sob a qual a Mariologia tradicional tem operado, revelando assim uma "virgem indecente":

A 'Virgem indecente', oferece o método da indecência como alternativa para a reflexão sobre a Virgem Maria, pois a Mariologia constitui um elemento chave em torno do qual o cristianismo e as hegemonias políticas têm sido estreitamente aliados na América Latina. Ela faz perguntas relativas à figura da escritora teológica.⁷ (Tradução própria)

A elaboração indecente sobre a virgem retoma três aspectos do círculo hermenêutico libertino, que discuti anteriormente no segundo capítulo de minha dissertação de mestrado⁸: o primeiro, de desconstruir noções totalizantes. O segundo, de entender que qualquer teologia é sempre contextual. O terceiro, do exercício de deslocar o discurso. Assumindo a ruptura como um método, Althaus-Reid aposta na não-unicidade de qualquer sistema dual, reconhecendo a pluralidade de experiências, corpos, prazeres e desejos – o que, por sua vez, implica também em revisitar a figura mitológica da virgem do corpo político libertino, contando histórias sexuais constituídas em transgressão. Desta forma, retoma o entendimento de que qualquer teologia é sempre contextual e, com ela, o não compromisso de praticar uma hermenêutica autoritária em busca de uma verdade absoluta⁹.

Ao estudar a Virgem como uma construção simbólica e ao criticá-la através da Teologia Indecente, a teóloga contribui significativamente para a reflexão sobre a devoção a Nossa Senhora de Aparecida. Isto porque refletir sobre o lugar teológico

⁷ ALTHAUS-REID, 2000, p. 7.

⁸ SARTO, Giovanna. **Revisitando o mito de Lilith**: Um estudo sobre indecência e libertinagem em diálogo com a Teologia Queer de Marcella Althaus-Reid. 2022. 117 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais, 2022. [manuscrito].

⁹ ALTHAUS-REID, 2000, p. 43.



dado a esta figura implica refletir sobre o lugar teológico dado às dissidentes reais, que experimentam e vivem a existência não no plano ideal, mas no plano real. Isto porque, na reflexão althausreidiana, Deus fala através da experiência real dos corpos humanos, não na idealização destes corpos; ou seja, em seu aprisionamento em favor de um tipo ideal. Segundo ela, "o escândalo teológico é que os corpos falam, e Deus fala através deles"¹⁰. Nesse sentido, minha hipótese é que no caso de Nossa Senhora de Aparecida, existe um símbolo poderoso de transgressão e identidade de fronteira, que tem sido capturado pela oficialidade e investido e construído de forma decente. Ainda assim, dentro da investida decente, há aspectos transgressores que podem (e frequentemente são) usados para subverter a ordem do status quo, não apenas cruzando fronteiras como borrando-as.

DA DEVOÇÃO POPULAR À INVESTIDA ECLESIÁSTICA

O símbolo de Nossa Senhora Aparecida é um importante elemento religioso-cultural do Brasil, cuja origem foi primeiro celebrada entre as camadas mais empobrecidas da sociedade através da devoção popular, às margens da oficialidade. Segundo Arruda¹¹, alguns devotos e algumas devotas contam que a aparição de Nossa Senhora Aparecida data de 1717, quando dois pescadores que enfrentavam um período de dificuldade e não prosperavam em sua atividade pesqueira rezaram a Maria, no rio, implorando por uma intercessão. Logo em seguida, jogaram sua rede de pesca. Tal foi sua surpresa quando notaram que na rede estava a imagem de uma Virgem Maria, mas sem a cabeça. Os dois, então, jogaram a rede novamente no mar, e desta vez recuperaram a cabeça. Deram-lhe o nome de Aparecida, palavra que significa "aquela que apareceu". Os pescadores enrolaram um pano entre o pescoço e o corpo da imagem, e colocaram sua cabeça no devido lugar. Depois de rezarem

¹⁰ ALTHAUS-REID, Marcella. **O Deus Queer**. Rio de Janeiro: Metanoia, 2019. p. 34.

¹¹ ARRUDA, Marcelo Pedro de. **Triunfo Católico no Calendário Republicano: N.S. Aparecida no Calendário Secular (1930-1980)**. 2005. 466 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. p. 26-27.



mais uma vez, a imagem ficou tão pesada que não puderam retirá-la. Peixes começaram a pular para dentro do barco, vindos de todos os cantos. Arruda, citando Beozzo, afirma que:

Segundo a tradição oral, após a sua retirada das águas barrentas do rio Paraíba, a imagem ficou encerrada nas dependências de casas humildes e sob a proteção das famílias que a cultuavam em cerimônias familiares. Também alude Beozzo à cor do ícone; afirma o autor que '[...] a pequena imagem retirada do rio eram uma virgem negra' como elemento explicativo da identidade devocional de Aparecida, pois '[...] no Brasil, terra construída inteiramente pelo suor de escravos negros, agrilhoados por quase quatrocentos anos a um brutal sistema de produção e relações de trabalho, discriminados pela condição de escravos e pela cor da pele, numa Igreja dominada até hoje pela camada branca da população, não é de se estranhar que as camadas populares pretas ou mulatas, em sua maioria, se aproximassem com maior confiança da pequena Virgem negra. Sendo uma Virgem dos mais pobres podia ser uma Virgem de todos'.¹²

No entanto, um elemento destacado por Machado¹³, Cipolini¹⁴ e por Arruda¹⁵ é que a devoção popular a Nossa Senhora Aparecida se desenvolveu primeiro nas margens da oficialidade eclesiástica, e depois foi incorporado por ela ao longo do desenvolvimento da Primeira República. De uma devoção de caráter “dinâmico e irreduzível, inclusive perigosa porque colocava em xeque tanto as instabilidades políticas do poder civil da época, quanto a hierarquia branca e pomposa das lideranças eclesiásticas”, pouco a pouco foi munida de investidas para redimensionar, em termos institucionais, a devoção à Nossa Senhora Aparecida¹⁶.

O que os autores demonstram é que houve, de fato, uma captura desse símbolo. Tal investida apropriou-se de elementos que já eram cativos entre os devotos à Nossa Senhora Aparecida antes de ser reconhecida pela Igreja, e beneficiou-se especialmente de dimensões de gênero e sexualidade para reivindicar identidade e poder em um momento histórico em que vinha perdendo espaço.

¹² BEOZZO, 1984 *apud* ARRUDA, 2005, p. 26-27.

¹³ MACHADO, J. C. **Aparecida na história e na literatura**. Campinas: [s.n.], 1976. p. 118-121.

¹⁴ CIPOLINI, Pedro Carlos. A devoção mariana no Brasil. **Teocomunicação**, Porto Alegre, v. 40, n. 1, p. 36-43, jan./abr. 2010.

¹⁵ ARRUDA, 2005.

¹⁶ ARRUDA, 2005, p. 21.



Arruda¹⁷ demonstra que uma das mudanças consequentes da investidura eclesiástica foi, além da definição de uma data oficial de celebração, também a proclamação como rainha do Brasil, antes mesmo de ser padroeira, e a inserção de trajes nobres nas representações imagéticas de Nossa Senhora Aparecida. Esses trajes consistiam em: um manto azul turquesa bordado com as bandeiras do Brasil e do Vaticano, e uma coroa dourada revestida de pedras brilhantes. Tais elementos aludiam ao recente período monárquico, e denunciavam a existência de um “esquema complexo e instável”, nos termos foucaultianos¹⁸, em que o discurso sobre Nossa Senhora Aparecida poderia ser, ao mesmo tempo, instrumento e efeito de poder.

PARADIGMAS DE IDENTIDADE, LIBERDADE E PODER: HÁ UM TRIUNFO MONÁRQUICO E PATRIARCAL?

A tese de Arruda¹⁹ demonstra que a Igreja Católica foi triunfante no que diz respeito à investidura monárquica no símbolo de Nossa Senhora Aparecida. A coroação de Nossa Senhora Aparecida como rainha do Brasil mascarou a identidade de uma devoção popular muito anterior, que tinha como elemento fundante a fé de pescadores empobrecidos e de suas famílias. Em termos de gênero e sexualidade, observava-se uma relação mais fluída e menos rígida. A imagem era tutelada pelas famílias, e não dispunha de manto ou coroa. A investida eclesiástica, no entanto, se apropriou de elementos já conhecidos pelos fiéis e centralizou um entendimento restritivo de gênero e sexualidade para garantir identidade e poder em um momento em que perdiam fiéis e perdiam espaço político na esfera pública. Essa é a ideia que parece estar, de alguma forma, também presente no Nicho de Aparecida.

Localizado no Santuário Nacional de Aparecida, que fica no centro da cidade de Aparecida, no Vale da Paraíba, região nordeste do Estado de São Paulo, o Nicho

¹⁷ ARRUDA, 2005.

¹⁸ FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. 14. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

¹⁹ ARRUDA, 2005.



de Aparecida é hoje o lugar chancelado pela oficialidade eclesiástica da Igreja Católica Apostólica Romana como dedicado a fé e devoção a Nossa Senhora Aparecida. Inaugurado em agosto de 2011, o Nicho foi resultado de pelo menos 17 anos de trabalho do artista plástico de Arte Sacra Claudio Pastro²⁰. Ele foi construído na Nave Sul do Santuário Nacional de Aparecida, em um imenso retábulo decorado com pastilhas de porcelana pintadas de ouro dourado, de formato irregular, revestido de ouro branco em seu interior e protegido com vidro blindado. Os elementos que o constituem são: um sol, que segundo o próprio artista “faz referência à “mulher vestida de sol” do livro do Apocalipse”; um círculo, “que lembra a forma perfeita de Deus”; ondas de água, que, para ele, “representam a ação do Espírito Santo, que dá vida ao local”; peixes, que remetem a 1717, ano da suposta aparição da Santa; e, finalmente, uma citação: “O Espírito e a Esposa dizem: Amém. Vem Senhor Jesus”.

O retábulo de ouro e o próprio Nicho contrastam com o ambiente mais comum de celebração a Nossa Senhora Aparecida na devoção popular: os relicários caseiros. Na majestosa estrutura da Basílica, o símbolo de uma Nossa Senhora Aparecida como uma mulher pobre, negra, redentora de todos os marginalizados e excluídos é investido de uma tentativa de captura ou sequestro, ao mesmo tempo em que paradoxalmente é elevado à condição de “autoridade monárquica”.

Essa forma de poder utiliza de noções de gênero e sexualidade (e raça e etnia também), muitas vezes já conhecidas e experimentadas de forma espontânea e livre entre o povo, para sistematizá-las e, portanto, ressignificá-las, de forma que se pretenda estática e imperativa. Ainda assim, tal investida não é suficiente para sequestrar (ou capturar) as formas mais espontâneas da devoção popular que, mesmo em termos simbólicos, garante a sobrevivência de um símbolo de Nossa Senhora Aparecida mais próximo de suas origens: o da “Virgem Negra” encontrada pelos pescadores empobrecidos do Vale do paraíba em 1717, cultuado especialmente

²⁰ PASTRO, Claudio. **Espaços Litúrgicos**: Nicho de Nossa Senhora Aparecida. [S.l.], c2020. Disponível em: <https://claudiopastro.com.br/obras/espacosliturgicos/?view=galeria&imgid=2>. Acesso em: 01 ago. 2023.



por mulheres e homens que viviam em regime escravo, e que logo se tornou importante elemento de identidade dessas pessoas, afinal,

‘No Brasil, terra construída inteiramente pelo suor de escravos negros, agrilhoados por quase quatrocentos anos a um brutal sistema de produção e relações de trabalho, discriminados pela condição de escravos e pela cor da pele, numa Igreja dominada até hoje pela camada branca da população, não é de se estranhar que as camadas populares pretas ou mulatas, em sua maioria, se aproximassem com maior confiança da pequena Virgem negra. Sendo uma Virgem dos mais pobres podia ser uma Virgem de todos.’²¹

Mas fora da Basílica, o símbolo de Nossa Senhora Aparecida não ocupa um pedestal envolto em ouro e vidro blindado. Ao contrário, seu símbolo é o símbolo da liberdade e da espontaneidade de uma multidão de fiéis que celebra sua aparição. Para essas pessoas, mais do que rezar aos pés dela, é preciso percorrer os mesmos caminhos que ela evoca. Nesse sentido, trata-se de um exemplo significativo da luta e da resistência que se configura nas expressões de devoção popular a Nossa Senhora Aparecida. Como fala a canção mais famosa dedicada à Santa: “ela, que é mensagem viva da Libertação”, o símbolo de uma mulher que caminha com o povo, “ajudando-os a serem protagonistas de suas próprias vidas e consequentemente, livres”.

No artigo publicado pela CEBI, a teóloga Pamela Santos lembra que nas celebrações à Nossa Senhora Aparecida, são as mulheres negras que

[...] lotam os santuários, que coordenam as romarias, que lutam diariamente para trilharem os caminhos da vida, que pedem com fé para que o marido largue o vício, que pedem com fé para que os filhos consigam seguir os seus sonhos. Elas que pedem por todos e são cobradas de todos os lados.²²

²¹ BEOZZO, 1984 *apud* ARRUDA, 2005, p. 26-27.

²² SANTOS, Pamela. Aparecida: 300 anos de fé, devoção e libertação. **Franciscanos, Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil – OFM**, [S.l.], 12 out. 2017. [n.p.]. Disponível em: <https://franciscanos.org.br/vidacrista/aparecida-300-anos-de-fe-devocao-e-libertacao/#gsc.tab=0>. Acesso em: 01 ago. 2023.



Nesse sentido, Nossa Senhora é o símbolo de um compromisso histórico de libertação, redenção, identidade. É um símbolo que lembra a essas mulheres que é possível um horizonte digno a todas e todos.

Finalmente, Pamela Santos chama atenção também ao fato de que em 1717, quando a estátua de Nossa Senhora Aparecida é retirada do rio pelos pescadores, ela é uma estátua (de uma mulher negra) quebrada. E isso é profundamente significativo para

[...] uma sociedade tão marcada por quebras e rompimentos, a imagem ser encontrada quebrada (é significativo). A cabeça separada do corpo lembra a elite patriarcal que se apropria do poder, abusa do corpo-povo trabalhador e estupra as mulheres. E o corpo caótico é imagem do povo brasileiro, que nasceu e cresceu deformado, em meio à dizimação de todo tipo, aos desarranjos e destruições familiares, quebras culturais, rompimentos de laços étnicos, cortes de tradições religiosas. [...] A Mãe Aparecida caminha diariamente com seu povo, ela não vai à frente nem em cima do povo, mas anda junto! Ela se faz presente na romaria da vida que não dá trégua a quem busca diariamente um novo caminho rumo a felicidade. Exaltando as e os pobres e dissidentes que lutam contra um sistema opressor e violento. É esse símbolo de Nossa Senhora Aparecida, liberta (ou libertina) e indecente, que pode ser recuperado.²³

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste breve texto, fruto de minha comunicação oral no VIII Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião, minha intenção foi colocar em suspeita alguns elementos que fazem parte da construção simbólica de Nossa Senhora Aparecida. Tal símbolo faz parte da mais profunda condição simbólica da construção histórica da religiosidade popular no Brasil, e atrai centenas de fiéis das áreas rurais e periféricas de todo o país. São em sua maioria mulheres, especialmente mulheres negras, cujas vidas são muitas vezes duras, amargas e violentas. Por esta razão, a complexidade desta devoção vai além dos pilares da historiografia tradicional e não se restringe apenas ao uso e funcionamento de sua imagem: ela é construída e reconstruída o tempo todo e de forma dinâmica, na experiência de fé e devoção que é indissociável

²³ SANTOS, 2017, [n.p.].



de como essas pessoas vivenciam também seu cotidiano. Através do símbolo de Nossa Senhora Aparecida, as dissidentes pobres do Brasil se reconhecem como portadoras da palavra de salvação. Nos pilares desta devoção, observa-se uma pluralidade de possibilidades manifestadas em diferentes maneiras em diferentes culturas, o que, por sua vez, é precisamente o que mantém viva a multiplicidade de posições e experiências de/para/ com Maria.

REFERÊNCIAS

ALTHAUS-REID, Marcella. **Indecent Theology**. Theological perversions in sex, gender and politics. London: Routledge, 2000.

ALTHAUS-REID, Marcella. **O Deus Queer**. Rio de Janeiro: Metanoia, 2019.

ARRUDA, Marcelo Pedro de. **Triunfo Católico no Calendário Republicano: N.S. Aparecida no Calendário Secular (1930-1980)**. 2005. 466 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

CIPOLINI, Pedro Carlos. A devoção mariana no Brasil. **Teocomunicação**, Porto Alegre, v. 40, n. 1, p. 36-43, jan./abr. 2010.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. 14. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

MACHADO, J. C. **Aparecida na história e na literatura**. Campinas: [s.n.], 1976.

PASTRO, Claudio. **Espaços Litúrgicos: Nicho de Nossa Senhora Aparecida**. [S./], c2020. Disponível em: <https://claudiopastro.com.br/obras/espacosliturgicos/?view=galeria&imgid=2>. Acesso em: 01 ago. 2023.

PORTAL A12. **Locais turísticos: Nicho**. Disponível em: <https://www.a12.com/santuاريو/locais-turisticos/nicho>. Acesso em: 30 ago. 2023.

SANTOS, Pamela. Aparecida: 300 anos de fé, devoção e libertação. **Franciscanos, Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil – OFM**, [S./], 12 out. 2017. Disponível em: <https://franciscanos.org.br/vidacrista/aparecida-300-anos-de-fe-devocao-e-libertacao/#gsc.tab=0>. Acesso em: 01 ago. 2023.

VIII CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE
GÊNERO E RELIGIÃO
LIBERDADE - IDENTIDADE - CRITICIDADE



SARTO, Giovanna. **Revisitando o mito de Lilith**: Um estudo sobre indecência e libertinagem em diálogo com a Teologia Queer de Marcella Althaus-Reid. 2022. 117 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais, 2022. [manuscrito].